

ESPAÇO, TEMPO E GEOGRAFIA NO FIM DO MILENIO

ARMANDO CORREA DA SILVA
Professor Titular do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Somente poucas pessoas são capazes de ter uma ideia objetiva de um milênio. 1.000 anos ...

Poucas pessoas vivem um século. 100 anos ...

Nem todas as pessoas tem uma ideia muito precisa de uma década. 10 anos ...

A memória do tempo e do espaço hoje é no máximo o ontem e o amanhã. Vivemos um momento de aceleração do tempo e de compressão do espaço.

Muitas pessoas imersas no cotidiano vivem apenas o tempo do relógio e o espaço do lugar pequeno, no dia-a-dia.

No entanto, as metáforas podem nos dar consciência de várias dimensões do tempo e do espaço.

Foi por isso que Napoleão, no Egito, pode dizer a seus soldados: "Do alto destas pirâmides 40 séculos vos contemplam."

Foi por isso que Lenin disse certa ocasião que um momento revolucionário equivale, às vezes, a dezenas de anos de história humana.

Os poetas, os artistas, os músicos e outros criadores do imaginário são entes privilegiados, pois estão além dos calendários, quando realizam suas viagens.

E o caso, aqui na Bahia, de Dorival Caimi, Jorge Amado, Castro Alves, Caetano Veloso, Gilberto Gil e muitos outros.

Mas, isto já é outra Geografia, ou seja, o espaço das utopias, do desejo, do hiper-real, da realidade virtual e dos sonhos.

Descendo à terra nordestina e baiana, aqui em Feira de Santana, a Geografia é outra: na paisagem, na

realidade urbana, na cultura local, na alegria e esperança do popular, neste encontro de geógrafos, esse ser que é capaz de transformar o local em mundial e vice-versa.

Por isso, posso dizer que, de certo modo já estamos vivendo um breve fim de milênio, e digo também que nestes menos de 4 anos que nos separam do ano 2.000 viveremos a continuação dos esforços pela renovação geográfica, em direção a um futuro século XXI que será o berço talvez de uma Geografia mais humana, contrária à desumanização do homem. Por isso, é importante o exemplo de homens como Milton Santos, um baiano, mas também um homem cuja dimensão do saber vai ultrapassar os limites postos agora diante de nós.

Associação dos Geógrafos Brasileiros

Parte-se, aqui, da ideia de que a vanguarda está em crise, na medida em que o heterodoxo...

isto é, a crise da crise, da qual o pós-modernismo seria, não uma resposta, mas uma condição.

Os acontecimentos recentes, a partir de 1969, que são do conhecimento público, colocam a questão que está no cerne do problema de continuidade da modernidade ou houve uma ruptura.

O que se denomina, então, pós-vanguarda e seu correlativo pós-vanguardismo, pretende ser o modo de se sair do impasse em que se encontra a própria condição do pós-modernismo, que não responde a questão de já possuir uma história de 30 anos.

Do entanto, pós-vanguarda e pós-vanguardismo são uma continuação inflexível da condição pós-moderna, que abre uma perspectiva de movimento para diante, não que se possa ultrapassar as questões colocadas pela alta